

O MOBILIÁRIO DO PALÁCIO MARIALVA (LISBOA)

DISCURSOS SOCIOECONÓMICOS

ANDREIA TORRES CHAM – FCSH - UNL | UAç

RESUMO O trabalho apresentado pretende ser uma reflexão sobre os elementos de mobiliário exumados na escavação do Palácio dos Marquês de Marialva, levada a cabo pelo Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade. As circunstâncias de ocupação deste espaço, primeiro pela família Marialva e a sua posterior transformação em casebres, permitem ter um espectro da evolução do móvel usado na capital. Neste sentido, pareceu-nos relevante relacionar a sua presença com os aspectos económicos e sociais que caracterizaram a Época Moderna, bem como os diálogos culturais motivados pela globalização e que se expressam neste âmbito da cultura material.

PALAVRAS-CHAVE Lisboa, mobiliário, Marquês de Marialva, Casebres do Loreto, comércio e sincretismo

Este estudo insere-se no marco de uma investigação mais alargada sobre o mobiliário proveniente da escavação da Praça Luís de Camões, em Lisboa. Dada a impossibilidade de apresentar aqui a totalidade dos resultados, seleccionamos apenas as peças que, pela sua cronologia, se enquadravam no âmbito deste evento e que nos pareciam mais relevantes.

1. CONTEXTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO

A história do mobiliário encontrado durante as escavações da Praça Luís de Camões terá necessariamente de ser considerada no contexto da família Marialva, proprietária do palácio que aí se instalou desde o século XV e que, após o terramoto de 1755 ficou gravemente prejudicado. Este momento é caracterizado por um período de indefinição, com algumas tentativas dos marqueses em realizar obras e torna-lo novamente habitável. No entanto, estes esforços acabariam por se materializar na subdivisão dos espaços e transformação dos mesmos em residências ou estabelecimentos comerciais arrendados pelos proprietários. A partir de então esta zona passa a ser designada de Casebres do Loreto, topónimo vulgarmente utilizado até ao século XIX, quando se procedeu à demolição dos mesmos para a construção da actual praça.

2. ESTUDO DA COLECÇÃO

A colecção em estudo destaca-se pela enorme quantidade e diversidade de componentes de mobiliário, constituindo uma oportunidade única para a análise da evolução do uso deste aspecto da cultura material.

A consecutiva ocupação do espaço permite-nos ter um espectro do interior de uma casa nobre Lisboaeta, desde o seu período de ocupação pelos marqueses de Marialva até à sua transformação em casebres, onde o nível económico predominante terá ocasionado mudanças significativas no carácter do móvel em uso.

As condições de deposição dos materiais, marcadas pelo terramoto e a subsequente criação de plataformas de terra batida conformadas pelos escombros, conservaram e isolaram um grande número de artefactos cujos contextos se encontram perfeitamente definidos estratigráfica e cronologicamente. Nos casos em que tal não se verifica, e ao contrário do que costuma suceder com a cerâmica, a interpretação dos caracteres estilísticos das ferragens não é suficiente para determinar a cronologia de uso, uma vez que o móvel é um objecto de valor considerável e portanto com tendência a conservar-se durante mais tempo. No que respeita aos metais decorativos poder-se-á verificar ainda a sua reutilização em suportes de execução recente, sobretudo em âmbitos socioeconómicos menos privilegiados. A presença de uma ferragem com uma estética mais antiga que o resto do contexto estratigráfico não é sintomático de que se produzisse nesse período mas sim de que, pela sua qualidade ou do móvel, ela continuava a ser um objecto de ostentação. Tal facto é revelador da sua importância e, longe de ser visto como velho, ele certamente seria um símbolo de prestígio. Por esse motivo não foi substituído por outro mais moderno, pelo menos em contextos de ocupação do palácio como tal, já que a família Marialva disporia de recursos económicos suficientes e uma

condição social que se espelharia nos seus bens.

Antes de nos centrarmos no mobiliário do palácio, importaria contextualizar o seu uso no âmbito da economia portuguesa durante o período em análise, pontualizando a especificidade do caso capitalino, que seria muito distinto do meio rural, bem como do espectro social que caracterizou o edifício nas suas duas distintas fases de ocupação.

O alargamento dos mercados a partir do século XV e a consequente intensificação do comércio a nível europeu e intercontinental permitiu o acesso a uma enorme diversidade de matérias-primas e em quantidades nunca antes vistas. Estas circunstâncias possibilitaram a formação de um mercado de consumo com poder aquisitivo, e estimularam o desenvolvimento das artes sumptuárias como o mobiliário. De um modo geral, a produção nacional encontrava-se dispersa por todo o território mas a sua difusão foi algo limitada e circunscreveu-se essencialmente à escala regional, dadas as deficientes redes de comunicação terrestre. No entanto, destacaram-se alguns centros no Norte de Portugal, nomeadamente no Porto e em Braga que constituíram os principais abastecedores do país (Proença, 2002, p. 28). Contrariando esta tendência foi-nos possível identificar mobiliário português além-fronteiras, nomeadamente em Espanha¹, no México e no Peru², onde parece ter gozado de alguma divulgação entre as classes privilegiadas.

Além das pequenas oficinas de metalurgia onde se realizavam ferragens de carácter funcional/decorativo, a 1 de Agosto de 1767 (Sequeira, 1934, p. 218 e 219) é criada em Lisboa a Real Fábrica de Metais. Esta teria permitido a liberalização do consumo destes componentes³ mas, apesar dos grandes incentivos à manufactura nacional – como as limitações impostas às importações estrangeiras e as vantagens fiscais relacionadas com a isenção de taxas na introdução de matérias-primas, ela nunca foi rentável e os fracos resultados económicos terão conduzido ao seu encerramento⁴.

A par das criações nacionais, o mercado proporcionou

uma cifra considerável de importações, de origem muito diversa e que não se circunscreveu ao âmbito europeu. Se por um lado estas encomendas respondiam ao gosto do comprador e adequadas às suas necessidades, elas acabaram por influir na estética do móvel nacional, ocasionando um processo de assimilação e transformação que resultou numa proliferação de modelos e formas sincréticas. O móvel surge-nos como um claro exemplo deste sincretismo que possibilitou o aparecimento de exemplares executados num dado sítio, mas cujas matérias-primas provinham de diferentes pontos do globo, como podem ser as madeiras ou inclusive as guarnições⁵.

Não poderemos esquecer que os processos culturais/sociais que caracterizaram a época moderna e que foram motivados precisamente por estes movimentos realizados à escala global, acarretaram mudanças significativas nas formas de estar. Este intercâmbio multilateral de influências de todo o tipo reflecte-se no móvel, ou seja, na maior ou menor difusão do seu uso, na forma como é aplicado ou colocado no âmbito doméstico, e do seu carácter. Com este último aspecto referir-mo-nos ao facto de passar de ser um objecto de cunho essencialmente funcional para desempenhar um papel decorativo. A sua utilidade adapta-se à nova realidade, respondendo a renovadas necessidades de uso e aplicabilidade, factores que vão moldar claramente os seus aspectos formais.

A colecção em estudo espelha precisamente estes pressupostos, pelo menos no que concerne ao âmbito estético, já que não nos foi possível fazer análises químicas à composição das ligas e dispusemos apenas de um microscópio binocular.

2.1 Puxadores

Os puxadores constituem o grupo mais representativo do conjunto de ferragens, quer pela sua quantidade como qualidade. A maior parte dos exemplares encontrados pertencem à primeira fase de ocupação do edifício e evidenciam a riqueza e diversidade dos móveis a que terão pertencido originalmente. Durante o século XVII e XVIII assistiu-se ao incremento do gosto pelo metal dourado sobre madeiras escuras e isso repercute-se também nesta amostra, constituída essencialmente por ferragens em ligas de cobre, algumas das quais posteriormente douradas.

As características estilísticas evidenciam influências diversas, destacando-se os complementos metálicos de móveis de origem oriental e que aqui se fazem representar por

1. No inventário do conde de Miraflores consta “un escritorio de Portugal embutido con labores menudas y primorosas” (AHPs, 696 Manuel Martínez Briceño, 1724, ofício 1: livro 1, f. 692).

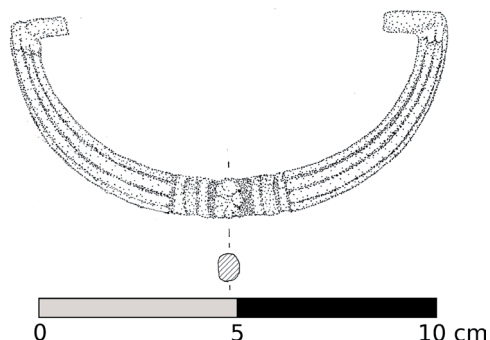
2. Uma cómoda de ébano embutida em nogueira, taxada por 70 pesos, entre os bens de um apoderado do grémio de pulpero (semelhante a mercearia), de nome Don Ildefonso Ponce de Leon y Armas (AGL, Protocolos Notariales, 586 Lumbleras, 1793, f. 128v). Agradecemos esta referência ao historiador Alberto Baena.

3. Os registos contabilísticos dão-nos conta de uma variedade de tipologias que aqui foram produzidas como “guarniçoens de cómoda”, “guarniçoens lizas”, “escudetes de chave”, “guarniçoens de cómoda à francesa”, “guarniçoens grandes” e “girandelas”. (A.N.T.T., Real Fábrica das Sedas e Fábricas Anexas, Lº 438). Além das fontes primárias Matos Sequeira refere também “guarniçoens de cómoda e papeleiras (douradas, à francesa, com figuras, e à inglesa), escudetes, fechos de armário, carrancas, asas de papeleira, asas com argolas e corpos de fechadura” (Sequeira, 1934, p. 221).

4. Os grandes investimentos com a construção do edifício e fornos de altas temperaturas exigiam uma produção a grande escala para poder amortizar esse investimento inicial. Tal facto não se coaduna com os elevados preços que atingiram essas produções quando comparadas com as suas congéneres estrangeiras.

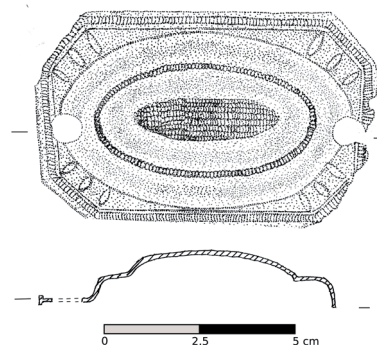
5. A importação de elementos metálicos para móveis, sobretudo de Inglaterra, encontra-se bem documentada. Mesmo depois da criação da Real Fábrica de Metais, esta situação manter-se-ia a par da proibição da importação de bens em que o país fosse auto-suficiente.

QUADRO 1- Puxadores



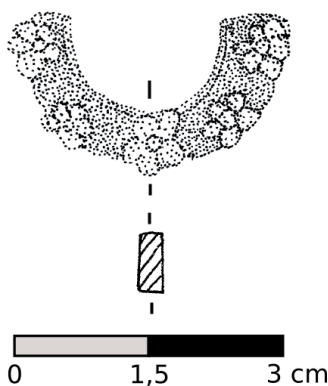
Peça n.º 135

Dim.: largura máx. do arco-0,8cm, largura mín. do arco-0,6cm, esp. do arco-0,5cm, $\emptyset$ do arco-8,2cm, comp. do encaixe-0,65cm, $\emptyset$ do encaixe-0,3/0,4cm
 Cron.: Século XVI/XVII.
 Prov.: Sector Sul, Compartimento L, Camada 9 (Fase II).



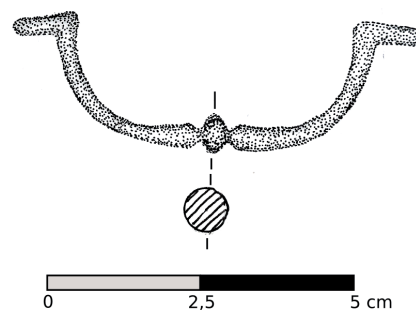
Peça n.º 139

Dim.: esp. média-0,05cm, largura máx.-5,1cm, comp. máx.-7,7cm $\emptyset$ dos orifícios para pregaria-0,7cm
 Cron.: Finais do século XVIII/inícios do século XIX.
 Prov.: Sector SE, zona de terra preta com carvões.
 Obs.: Integra um conjunto de seis escudetes encontrados sobrepostos.



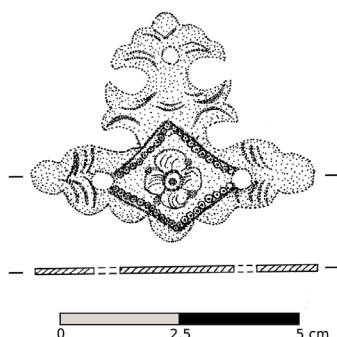
Peça n.º 151

Dim.: $\emptyset$ exterior-3,3cm esp.-0,35cm, largura-0,8cm
 Cron.: Meados do século XVIII (?).
 Prov.: Sector NW, Compartimento A, Sond. 13, Camada 2. Esta camada corresponde ao período intermédio do palácio, entre o terramoto e os casebres.



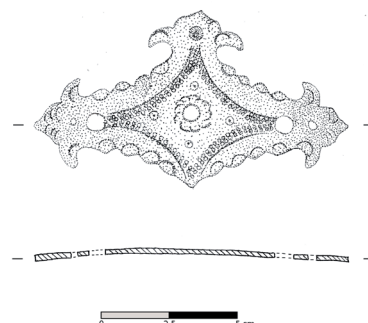
Peça n.º 157

Dim.: largura máx. do arco-0,5cm, largura mín. do arco-0,35cm, $\emptyset$ do arco-8,2cm, comp. do encaixe-0,7cm, $\emptyset$ do encaixe-0,35cm
 Cron.: Século XVII-inícios século XVIII.
 Prov.: Sector Centro Este, Compartimento 3, Camada Superficial (Fase II). Corresponde a um nível de ocupação do palácio pelos marqueses.
 Obs.: Deformado devido às condições do seu uso.



Peça n.º 155

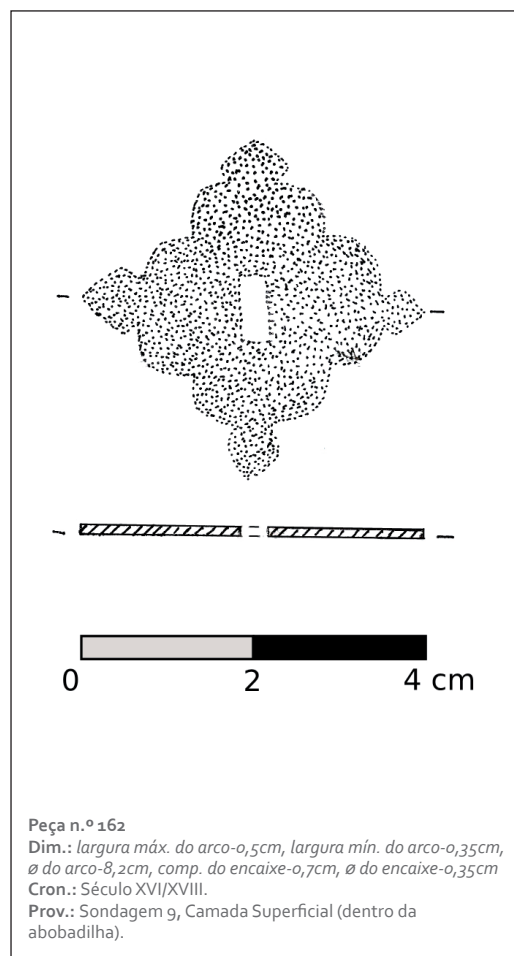
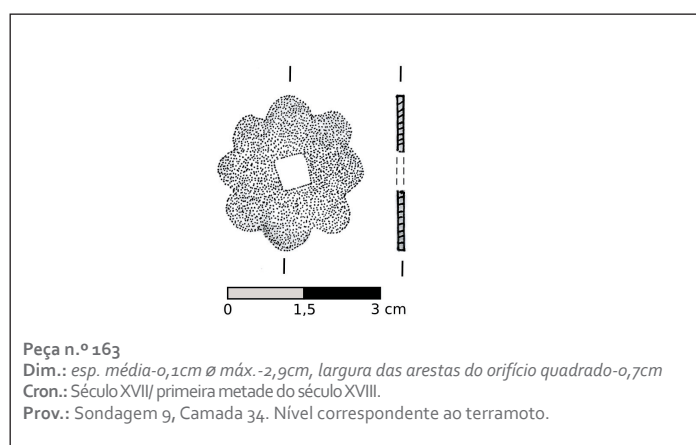
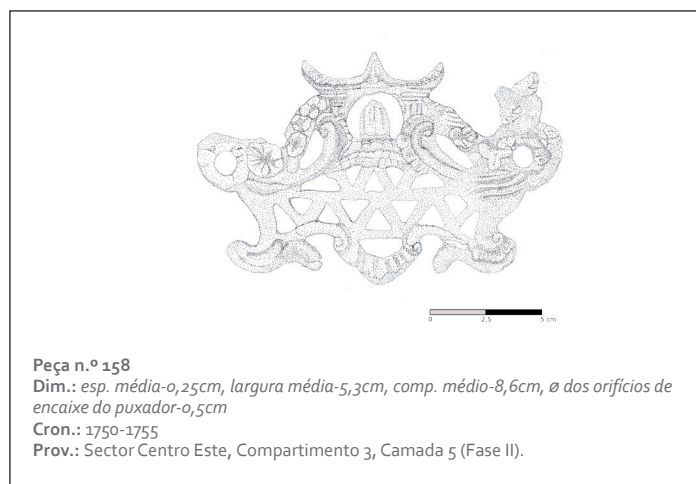
Dim.: esp. média-0,1cm, largura máx.-6cm, comp. máx.-4,9cm, $\emptyset$ dos orifícios de encaixe do puxador-0,45cm, $\emptyset$ dos orifícios para pregaria-0,1cm
 Cron.: 1702-1714/1720.
 Prov.: Sector Centro-Sul, Camada 12 (Fase II).



Peça n.º 156

Dim.: esp. média-0,1cm largura média-4,9cm comp. médio-8,6cm $\emptyset$ dos orifícios de encaixe do puxador-0,5cm $\emptyset$ dos orifícios para pregaria-0,1-0,3cm
 Cron.: 1702-1714/20.
 Prov.: Sector Centro Este, Compartimento 1B, Camada 4 (Fase II).
 Obs.: A elaboração das duas fiadas de círculos foi anterior à das linhas incisivas visto que estas se sobrepõem aos mesmos.

Obs.: Em termos iconográficos estas peças encontram semelhanças com os motivos representados numa faiança do Museu Nacional de Arte Antiga atribuída ao século XVIII (SANTOS s.d: 63, fig. 85).



dois originais. O puxador n.º 135 foi elaborado a molde, possivelmente de areia e posteriormente polido com lima⁶, com uma decoração retocada a cinzel. Trata-se de uma peça relativamente simples e de acabamentos pouco cuidados, que foi usada num contador dito mogol, datado do século XVI (Carita, s.d, fig. 71).

O exemplar n.º 157 foi manufacturado seguindo as mesmas técnicas que o anterior mas apresenta vestígios, nas zonas menos expostas, de uma espécie de pintura ou verniz. Este terá sido aplicado num momento posterior à elaboração do puxador, muito provavelmente depois da sua colocação no móvel, uma vez que o recobrimento não se preserva nas zonas de encaixe. Neste sentido, é possível que estejamos ante uma tentativa de remodelação do objecto, adaptando-o aos padrões estéticos vigentes nesse momento.

O uso deste modelo de puxador foi muito diversificado, com paralelos em suportes tão distintos como baús ditos de estilo "lusu-oriental" do século XVII e escritórios "indo-portugueses" (Pinto, 1992, inv. 469), ou em congéneres brasileiros da primeira metade do século XVIII (Macedo, 1966). No entanto, o detalhe dos encaixes virados para o exterior foi detectado unicamente na tampa de cofres "indo-portugueses" e numa papeleira chinesa do século

XVIII (Coelho, 2010), pelo que considerámos mais provável apontar para uma produção asiática.

A proliferação e incremento do gosto por tudo o que vinha do Oriente originaram um processo de assimilação de componentes de inspiração oriental por toda Europa ou inclusive na América, e os móveis foram um aspecto importante na recriação dessa cenografia. Mais do que uma reprodução tratava-se de uma selecção relativamente consciente do que se considerava ser a estética vigente de uma cultura que se desenhava ante o olhar ocidental como exótica e, portanto, especialmente atractiva. A forte procura destes objectos terá promovido a criação, a nível local, de mobiliário com um estilo muito particular, onde se sintetizam elementos ocidentais com outros de origem asiática. Estas obras, vulgarmente designadas de *chinoiserie*, obedecem a uma gramática onde cada detalhe ganha um novo significado, formando uma linguagem que nasce justamente pelo contacto intra-cultural que resulta da circulação de produtos de diferentes culturas. É neste contexto que devemos enquadrar o espelho de puxador catalogado com o n.º 158. Este é o único exemplar elaborado em liga de ferro e foi executado a molde de areia, apresentando bastantes irregularidades / rugosidades no reverso mas que, uma vez aplicado, não seriam visíveis. A decoração é algo imper-

6. Mais acentuado na zona dos "gitos".

feita e o vazamento central elimina parte dos motivos desenhados primeiramente, embora houvesse algum cuidado com os acabamentos e em lhe conferir o tom dourado distintivo das ferragens desta época⁷.

No que concerne à estética deste puxador, aspecto que nos merece especial atenção, ele destaca-se por uma profusa decoração em relevo e uma simetria pouco rigorosa, muito características das peças de meados do século XVIII. A variedade iconográfica deste período é assinalada pela presença de motivos fitomórficos estilizados como os enrolamentos ou “ss”, concheados, uma grinalda e flores com ramagem. Por outro lado, aliados a esta temática e em perfeita conjugação, encontramos ícones⁸ orientais com referentes arquitectónicos como um pagode de modelo curvo e dois *frets* com interior vazado.

Esta peça foi exumada em contextos do terramoto e, a julgar pelos aspectos formais, terá pertencido a um exemplar recentemente adquirido pela família Marialva à data da sua destruição.

Ainda que desconheçamos o suporte no qual estaria aplicado, os paralelos encontrados para este puxador reflectem a difusão do modelo em vários tipos de móvel e mais além das fronteiras europeias. Em Portugal identificamos uma miniatura pertencente ao Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo⁹ cujo espelho se diferencia apenas pela ausência do motivo geométrico (*fret*), disposto ao longo da parte inferior do pagode. Igualmente semelhante é a decoração das ferragens de uma secretária do Museu de Lamego e que ostentam “volutas de folhagem, concheados, flores e reticulado”, mas com uma composição distinta (Bastos, 1999, p. 103). O único puxador igual, detectado em território nacional, está aplicado numa cómoda marchetada do século XVIII (Sandão, 1999, fig. 61). Embora em todos os casos mencionados com anterioridade se tratem de móveis portugueses – ainda que as suas ferragens possam ser fruto do comércio exterior – o âmbito do uso deste modelo foi muito mais vasto, chegando inclusive ao vice-reino da Nova Espanha. Propriedade do *Museo José Luis Bello* de Puebla (México)¹⁰ e adquirido por Mariano Bello y Acedo nos inícios do século passado, encontramos uma *escribania* com ferragens exactamente iguais. A mesma está datada de finais do século XVIII/XIX e considerada como uma possível importação inglesa, ainda que não tenha sido todavia alvo de um estudo mais

aprofundado¹¹. Atendendo a estas circunstâncias é difícil asseverar a origem destas guarnições mas parece-nos que não deveremos excluir a hipótese de que a peça em estudo seja de proveniência inglesa, dado o volume constante de importação deste tipo de objectos nos registos do porto de Lisboa. Outra possibilidade é a de que a escrivania referida possa eventualmente ser portuguesa, já que este modelo foi usado em móveis de factura nacional e a nossa investigação no *Archivo General de la Nación* (México) permitiu identificar mobiliário português entre os inventários da família do Marquesado del Valle¹², evidenciando um comércio destes bens pelo menos entre as elites.

Outro grupo considerável é o de puxadores que obedecem aos cânones estilísticos ingleses, com especial destaque para o estilo “Queen Anne”. Os n.ºs 155 e 156 estão elaborados em chapa metálica recortada, posteriormente polida, e decorados com recurso a escopo e cinzel. As semelhanças entre ambos sugerem a possibilidade de terem pertencido a um mesmo suporte ou a dois exemplares a jogo, e eventualmente executados numa mesma oficina. A análise mais atenta dos motivos representados permite-nos verificar que alguns dos cinzéis empregues na decoração das duas peças terão sido os mesmos e, no segundo caso, a sua impressão fornece-nos alguns dados sobre os processos de produção. Além da evidente reutilização dos cinzéis para a composição dos diferentes ornamentos, mediante o apoio total ou parcial dos mesmos sobre o metal, a punção das duas fiadas de círculos que decoram o losango evidencia o sentido com que foi executada e denota várias paragens. Os círculos vão sendo impressos com um registo cada vez menos marcado e, a determinado momento, tornam-se novamente mais vigorosos. Tal facto pode ser indicador de que o artífice tenha feito uma pausa antes de retomar novamente o trabalho ou sido substituído por outro colega, menos cansado ou mesmo mais forte.

Estes dois exemplares encontram paralelos em produções inglesas datadas entre 1690 e 1730 (Nutting, 1954, fig. 340, 344, 2565, 2806 e 3603) e identificou-se uma ferragem muito semelhante ao n.º 156, aplicada numa cómoda portuguesa de castanho e pintura acharoadada, datada do século XVIII (Proença, 2002, fig. 11). Neste caso, o contexto estratigráfico permite-nos reduzir o âmbito cronológico, uma vez que o mesmo foi perfeitamente datado através de numismas, sugerindo uma cronologia entre 1702-1714/20.

Também de influência inglesa, e com grande difusão

7. Para o efeito recorreu-se ao processo de galvanoplastia que consiste na total imersão da peça numa solução dourada.

8. Entenda-se “ícone” em toda a sua significação no âmbito dos estudos iconológicos desenvolvidos por Panofsky.

9. Na vitrina da sala das esteiras, junto à colecção de livros franceses.

10. Este armário está em exibição na “Casa del Alféñique”, na mesma cidade.

11. Esta informação foi-nos proporcionada por Ana Martha Hernández Castillo, subdirectora de Museus do Consejo Estatal para la Cultura y las Artes.

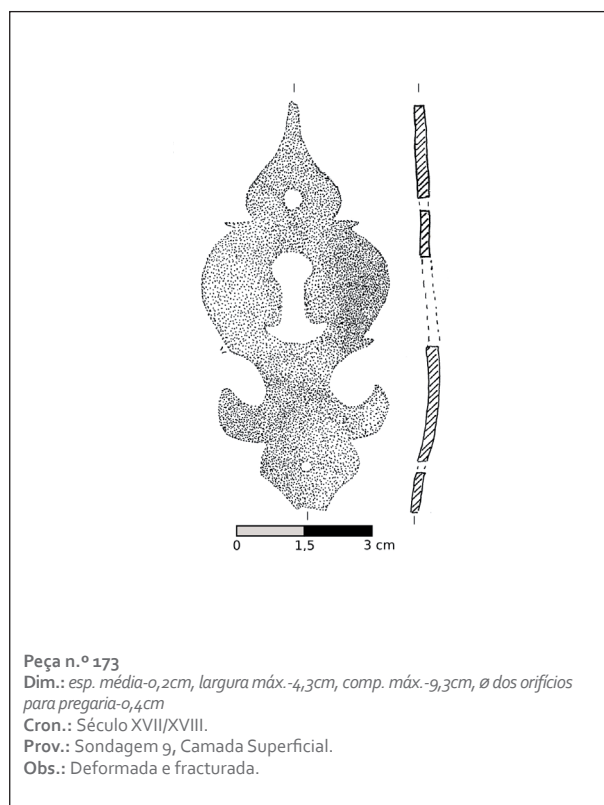
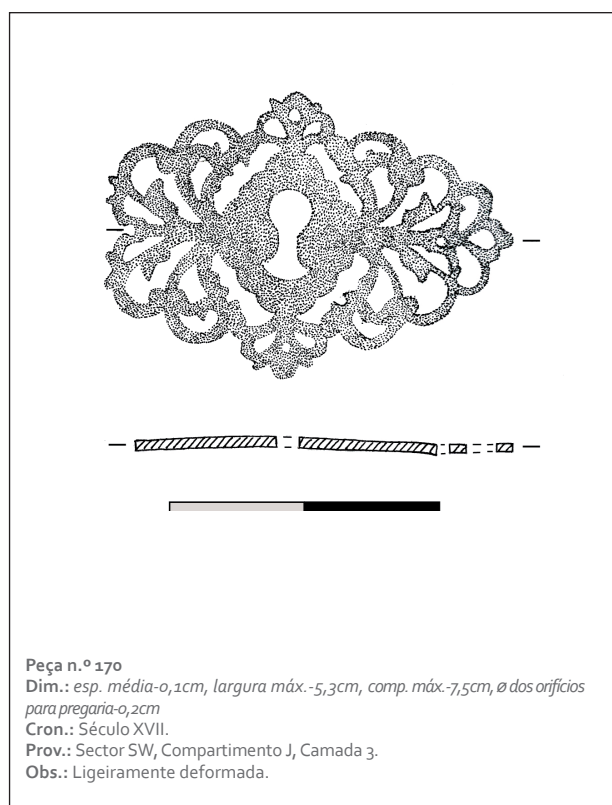
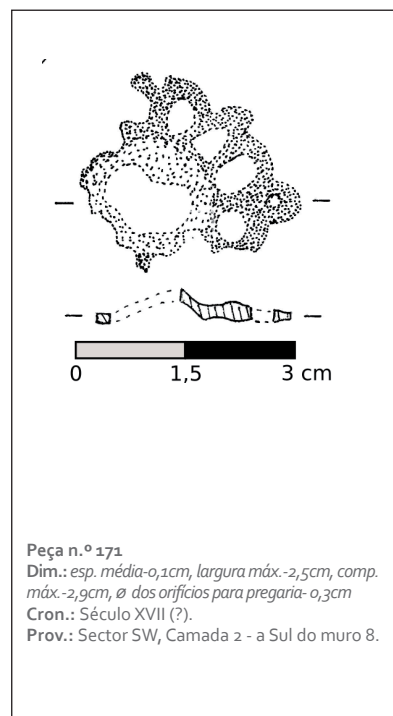
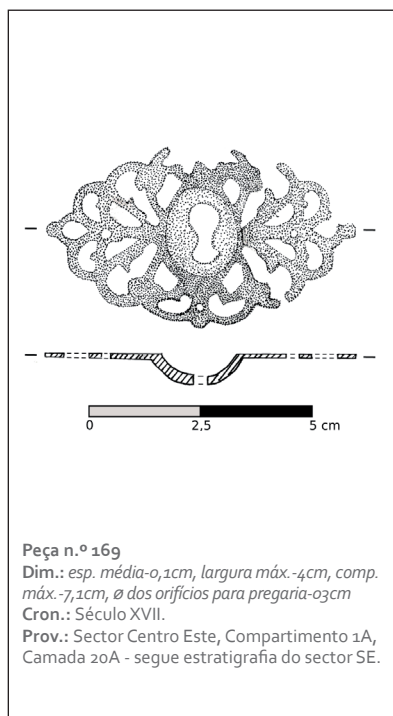
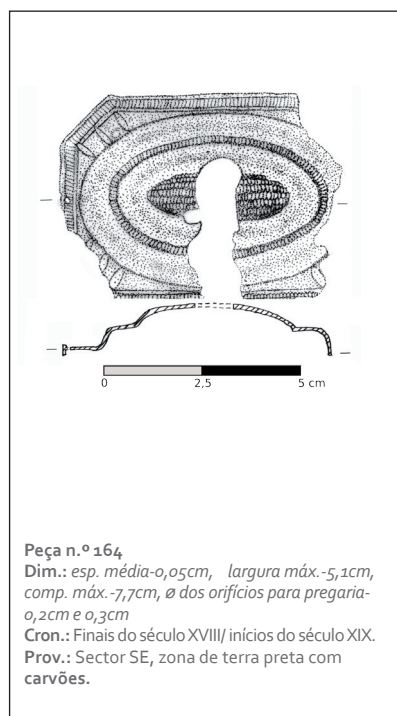
12. “tocador de portugal espejo cerrado llave – 12.9 pesos” (AGN, Archivo Historico de Hacienda, vol. 992, Exp. 1. 16 de Agosto de 1726).

entre as produções nacionais, são os puxadores de estilo lágrima, dos quais possuímos igualmente dois exemplares. O n.º 162 é o mais completo, preservando o espelho de recorte floral e a pega em lágrima, bem como o elemento de articulação entre os mesmos. A pega e o escudete parecem ter sido produzidos a molde ou chapa recortada e posteriormente polidos, com excepção da face posterior do espelho. A ligação entre estas duas peças é

feito por meio de um fio de cobre que atravessa o orifício da pega, dobrando-se em dois, e cujas extremidades se encontram unidas de modo a atravessar também o espelho. Este arame seria cravado na madeira e ulteriormente reviradas as extremidades para fixar o puxador na madeira, forma que aliás apresenta actualmente.

As condições actuais do objecto em questão sugerem que a sua conservação em detrimento do suporte não

QUADRO 2- Fechaduras



terá sido um acto intencional, uma vez que neste caso as pontas reviradas ter-se-iam partido. Poderemos portanto estar perante uma peça que sofreu os efeitos destrutivos do terramoto.

Além do mobiliário inglês, este modelo foi usado num móvel francês de 1570/80 (Boccador, 1988, fig. 132), nas gavetas de uma mesa do Palácio de Vila Viçosa (Carita, s.d, p. 67, fig. 65), e num bufete de finais século XVII/inícios século XVIII pertencente ao Museu Condes de Castro Guimarães, em Cascais (Proença, 2008, p. 124).

O exemplar n.º 162 dispõe apenas do escudete de desenho floral, elaborado em chapa metálica recortada e depois polida. A sua deposição em níveis do terramoto, aliada às suas características estilísticas, permite-nos datá-lo entre o século XVII e a primeira metade do século XVIII. Não obstante as semelhanças com o puxador anterior encontramos paralelos em suportes de origem distinta, nomeadamente em colecções americanas do século XVII (D'Allemagne, 1968, fig. 147) e num móvel brasileiro da primeira metade do século ulterior (Macedo, 1966).

No que concerne aos puxadores usados no contexto dos casebres seleccionamos apenas uma colecção de exemplares de estilo Sheraton e que trataremos mais à frente, quando falemos das fechaduras. Optámos por não incorporar aqui os outros modelos de puxador de cronologias mais tardias essencialmente por dois motivos. O primeiro devido a que os contextos não são suficientemente claros para poder classificar as peças como pertencentes a esta fase de ocupação, e o segundo prende-se com o facto de nem sempre ser fácil determinar o seu uso indubitável como ferragem de um móvel. Exemplo disso são as argolas, encontradas em grande número e com diâmetros bastante uniformes, cuja classificação como pega de puxador não podemos estar seguros dada a diversidade de aplicações que conheceram.

2.2 Fechaduras

O conjunto de fechaduras reflecte as mesmas tendências que observamos nos puxadores, tanto no que concerne aos materiais como a nível da forma.

As produções com uma estética oriental encontram-se representadas pelos n.ºs de inventário 169 e 171. Apesar das similitudes entre estas duas peças - com decoração vazada de inspiração fitomórfica e medallão central côncavo, com orifício para inserção da chave - elas apresentam características muito distintas que merecem ser aqui brevemente assinaladas.

O primeiro exemplar foi elaborado em liga de ferro moldado e posteriormente dourado, e a visualização do mesmo à lupa binocular permitiu identificar a sua presença apenas na face anterior e sobre uma camada

de preparação¹³. O emprego desta técnica indica-nos que se trata de uma peça mais antiga e que conheceu maior difusão durante o século XVII. Os acabamentos da face anterior foram executados com perfeição, ostentando recortes e vazamentos bem definidos e superfície muito polida.

É difícil apontar paralelos para este tipo de ferragem, principalmente porque na maioria dos casos não nos é possível observar o móvel com a minúcia necessária para perceber detalhes acerca da composição e técnicas decorativas que aqui se assinalaram. No entanto, existem várias guarnições análogas, salientando-se um contador português de finais do século XVII/inícios do século XVIII, com uma fechadura exactamente igual mas em latão dourado. (Proença, 2008, p. 125)

O artefacto n.º 171, tal como a maioria da colecção, foi produzido em chapa metálica (liga de cobre) recortada e posteriormente limada, correspondendo possivelmente a uma manufactura do século XVII, uma vez que foi exumado em contextos de ocupação dos marqueses de Marialva e o único paralelo exactamente igual encontrado pertence a um contador deste período (Sandão, 1999, fig. 12). Porém, este estilo de espelho foi bastante comum e existem variadíssimas peças com uma forma semelhante mas com um recorte de vazamento distinto.

Seguindo os padrões das ferragens aplicadas no móvel oriental, com decoração vazada e forma de volutas ou motivos fitomórficos, cabe destacar a peça n.º 170. Esta obedece a uma estética de transição onde se conjugam formas orientais mas com elementos de carácter português, que a tornam num exemplar claramente distinto dos que previamente referimos. Realizado em chapa recortada e posteriormente limada, conhece-se o seu emprego em móveis de produção local (Guimarães, 1949, p. 78), nomeadamente numa mesa datada de inícios do século XVII (Moncada, 2008, p. 163).

O modelo de fechadura representado pelo n.º 173 foi amplamente difundido no móvel nacional e em distintos tipos de suporte, sobretudo durante os séculos XVII e XVIII. Neste caso o exemplar foi elaborado numa chapa de liga de cobre, com recorte flordelisado e posteriormente limado, embora com um acabamento muito grosseiro que se reflecte nas marcas diagonais que se conservam na face posterior. É possível que se trate de uma produção nacional e existem várias peças iguais aplicadas em diversos tipos de armário (Dinastia, Junho de 2002, p. 84 e 73), destacando-se um arcaz de sacristia cujas ferragens foram feitas por encomenda a um artesão da capital (Bastos, 2008, p. 256). O seu uso encontrava-se bastante difundido também na variante horizontal, como se

13. Muito embora cobrisse a totalidade da peça só se conservam pequenos vestígios da mesma nas zonas menos expostas ao atrito.

constata pelas colecções de alguns museus, nomeadamente uma arqueta do século XVII/XVIII (Bastos, 1999, inv. 503).

Após o terramoto e a transformação do palácio em casebres, a qualidade e quantidade de ferragens diminuí consideravelmente. Contudo, as guarnições metálicas de estilo Sheraton ou Imperial, encontradas numa mesma zona e camada estratigráfica da escavação, constituem um grupo bastante homogéneo e que merece ser tratado como conjunto. Este está composto por três subgrupos: o primeiro formado por seis exemplares sobrepostos (três espelhos de fechadura e outros três de puxador); o segundo por dois espelhos de puxador e um de fechadura, também justapostos; e o terceiro por um recipiente metálico com cinco pegas, um espelho, e uma fechadura, além de pregaria diversa¹⁴ e muitas cinzas.

Trata-se de um modelo de formato pentagonal que regularmente reproduzia iconografia associada a uma profissão ou labor e que neste caso, tanto nas fechaduras como nos espelhos, apresenta um motivo de maçoaroca ao centro. A pega tem forma de “u” com facetado pentagonal e encaixes virados para o exterior, e todas as peças estão moldadas em liga de cobre, com decoração repuxada muito bem executada¹⁵.

Atendendo à uniformidade destes objectos e às circunstâncias do contexto da escavação em que apareceram, existem várias hipóteses que explicam esta concentração de ferragens Sheraton. No interior dos casebres do Loreto instalaram-se vários marceneiros que aí tinham lojas e é possível que se tratassem de ferragens novas, adquiridas para serem aplicadas num dos inúmeros móveis que terão aí sido talhados. Além de estabelecimentos comerciais, existia ainda um armazém de móveis e não seria de estranhar a reutilização dos metais decorativos de algum exemplar danado. Tal facto justificaria o acondicionamento destas peças num receptáculo metálico.

Se considerarmos o número total de fechaduras (5), de escudetes (6) e de pegas (5) é possível apontar para um suporte semelhante a um armário de duas portas e três gavetas. Cada uma das portas disporia de uma fechadura e todas as gavetas se abririam mediante dois puxadores, colocados a ambos lados, e uma fechadura ao centro. Neste caso, faltar-nos-ia apenas uma pega deste móvel e cuja existência se supõe pelo número de espelhos de puxador.

14. Cabe destacar que alguma desta pregaria apresenta forma em rosca, dispondo de um sistema semelhante ao de um parafuso.

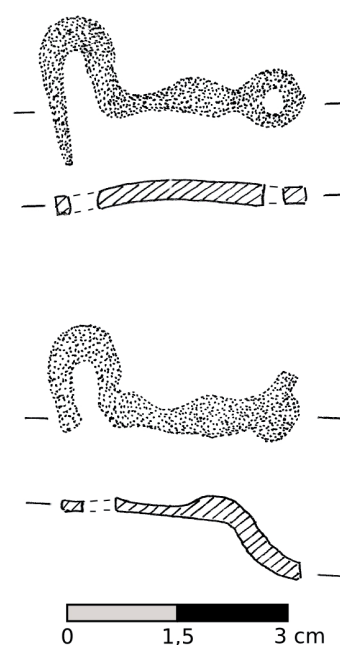
15. Este modelo foi encontrado numa colecção americana e está datado entre o último quartel do século XVIII até inícios do século XIX (Nutting, 1955, inv. 2712).

2.3 Fechos

Os dois fechos encontrados durante a escavação correspondem a um modelo muito simples formado, numa das extremidades, por um orifício onde encaixaria o prego, e no lado oposto por um gancho que emalhetaria numa argola.

A propagação deste modelo de fecho abrangeu todo o tipo de móvel (Macedo, 1966), desde peças relativamente simples a outras de grande qualidade como uma maquina do último quartel do século XVIII (Proença, 2002, inv. 748). Neste sentido, e considerando que os museus conservam essencialmente peças de luxo, os paralelos que apontamos devem ser considerados apenas como uma amostra muito limitada que não reflecte as possibilidades de uso destes objectos.

QUADRO 3 - Fechos



Peças n.º 174 e 175

Dim.: esp.-0,12-0,4cm (o exemplar não restaurado), largura máx. do gancho-0,5cm, largura máx. do corpo-0,5cm, comp. máx.-3,4cm, Ø do orifício para pregaria-0,3cm

Cron.: Século XVIII.

Prov.: Sondagem 9, Camada 34.

2.4 Dobradiças

As dobradiças são um componente importante do móvel mas também aquele cuja atenção tem sido mais menosprezada pelos historiadores de arte que se dedicam ao tema do mobiliário. Neste sentido, e considerando que na maioria dos móveis estes acessórios não têm uma função decorativa e se encontram relativamente ocultos, resultou algo difícil localizar o seu uso em catálogos ou em museus.

Os exemplares aqui expostos correspondem à totalidade de dobradiças exumadas durante a escavação e existe um claro predomínio destes objectos durante a primeira fase de ocupação do palácio.

A peça n.º 176 consiste numa dobradiça de eixo triplo, em cobre moldado e espigão de ferro, e não estamos seguros de que pertencesse a um móvel. No entanto, encontramos semelhanças com uma dobradiça de mesa datada da segunda metade do século XVI (Carvalho, 2001, Il.4) e é possível que tenha pertencido a um suporte semelhante.

Os exemplares 178 e 180 correspondem a um modelo muito idêntico de dobradiça de eixo duplo, elaboradas a molde e

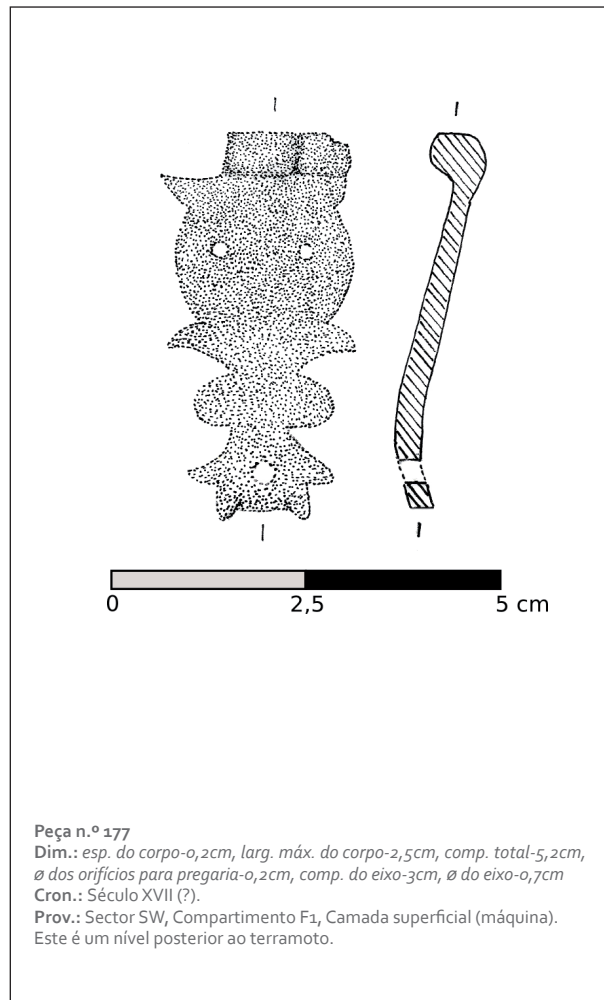
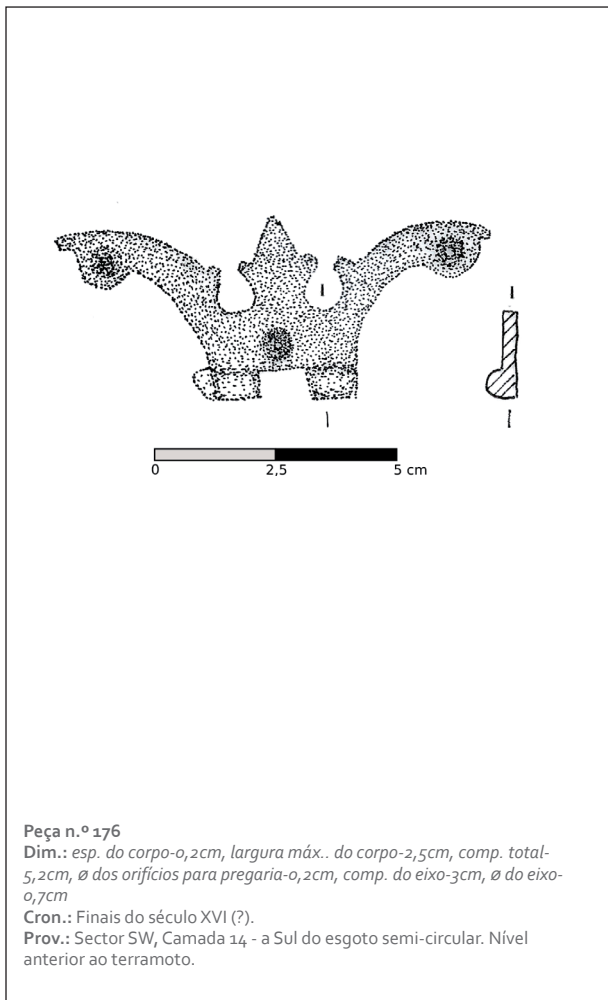
retocadas com lima¹⁶. Os mesmos caracterizam-se por um corpo quadrangular e um eixo cilíndrico que sobressai para a face posterior (que assentaria sobre o móvel) que seria o único elemento visível com o armário fechado. No primeiro caso, sobressai um motivo decorativo no extremo superior e que integra o espigão da outra peça com a qual formaria par, ao contrário do segundo, onde o componente decorativo pertence a essa dobradiça e permitiria que uma peça semelhante, mas sem espigão, encaixasse no eixo.

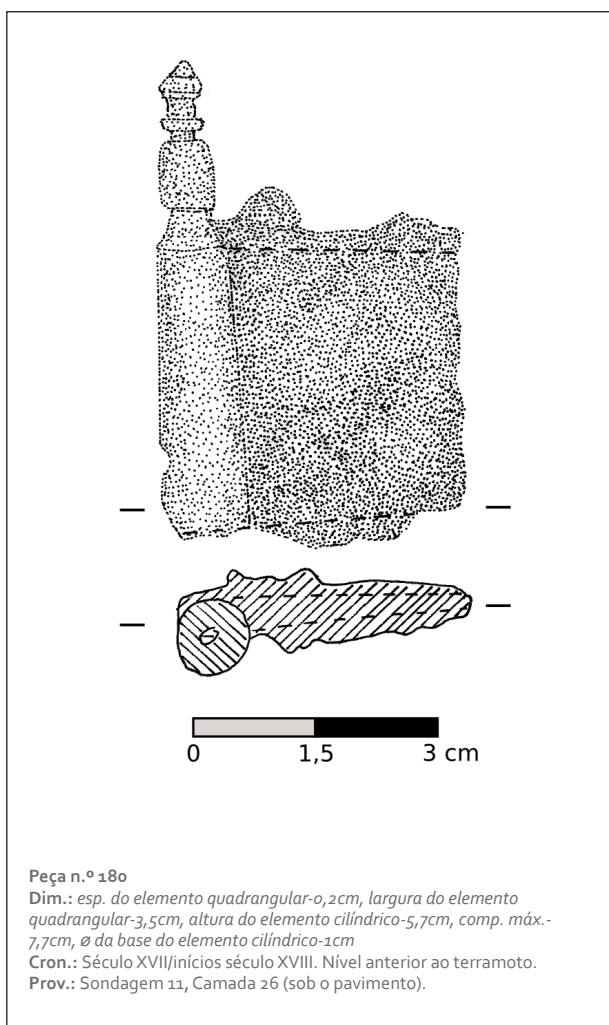
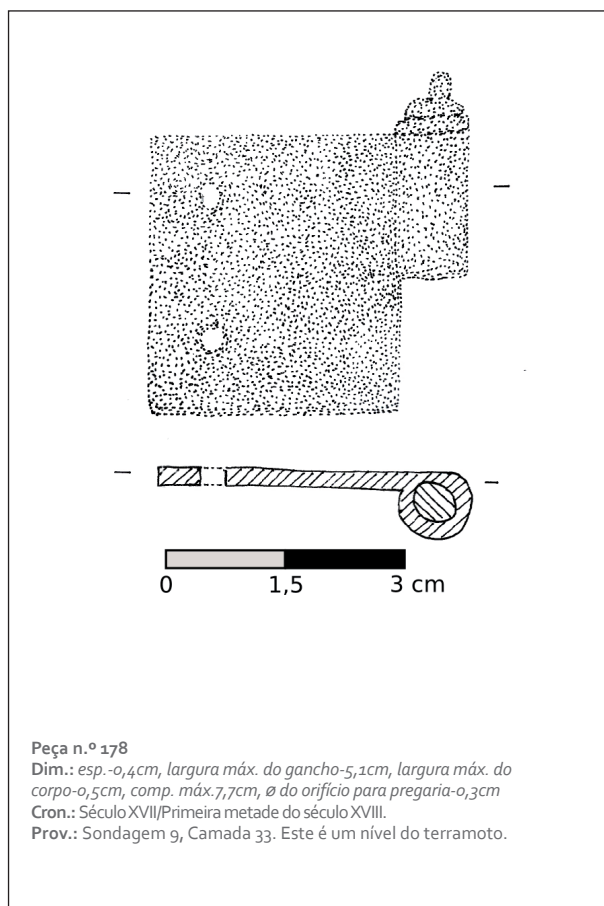
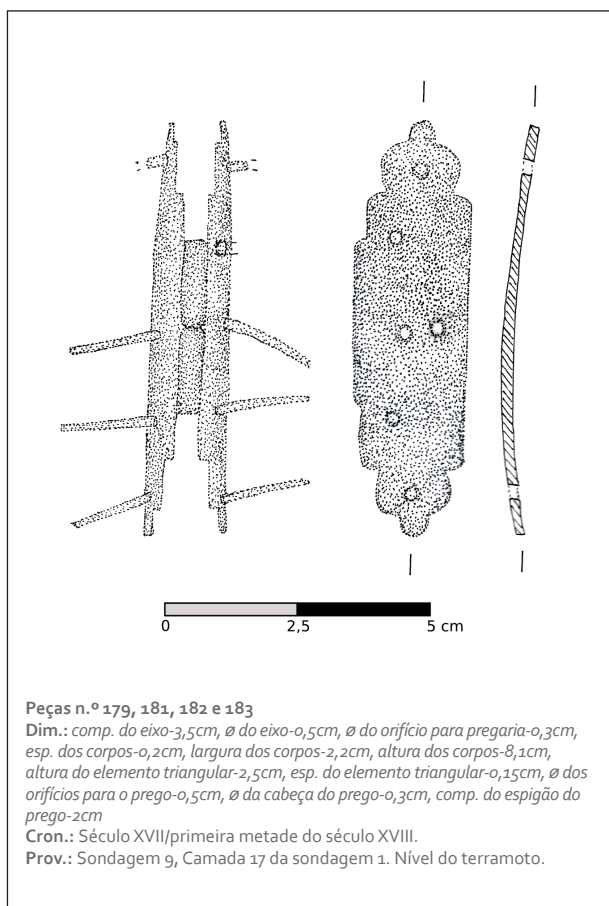
As dimensões destes objectos não sugerem o seu uso numa porta, pertencendo eventualmente a um móvel decorativo. No entanto, a maioria do mobiliário observado possui charneiras de eixo triplo.

As dobradiças mais elaboradas são um conjunto de quatro exemplares (catalogados com os n.ºs 179, 181, 182 e 183) de estilo Tudor-Estuardo e que estão compostas por dois corpos e eixo triplo, elaboradas em chapa

16. No exemplar restaurado (n.º 178) foi possível identificar um acabamento final pouco cuidado, com imperfeições nas margens, e marcas de lima verticals (na face posterior do elemento quadrangular) e horizontais (na face anterior).

QUADRO 4 - Dobradiças





de cobre recortada. Estas peças remetem-nos para um horizonte britânico ainda que possam tratar-se perfeitamente de produções nacionais de imitação e pudemos encontrá-las num aparador do século XVII, precisamente de estilo inglês (Rubira, 1948, p. 90). Todavia, este paralelo possui apenas quatro orifícios para os pregos e não dispõe do elemento central triangular que tem também uma função de fixação - embora não seja muito clara a sua funcionalidade específica, bem como a sua articulação.

O único artefacto encontrado em contexto dos casebres é de uma cronologia anterior aos mesmos, o que nos leva a pensar que se trataria de um móvel de família ou de uma espécie de antiquário que aí se teria instalado até pouco tempo antes da construção da praça, uma vez que foi encontrado numa camada superficial. Referimo-nos ao exemplar n.º 177, elaborado em liga de cobre, mediante a técnica de molde e que apresenta uma forma muito característica de alguns móveis orientais. A deformação desta peça não se deve às circunstâncias de deposição e está relacionada com o formato do suporte. Foram encontrados paralelos semelhantes num cofre de reserva do Santíssimo Sacramento, de factura indiana (Guzarate), datado do século XVII¹⁷ (Pinto, 1992, p. 48); e numa papelreira do século XV/XVI proveniente

17. Embora o autor aponte para a possibilidade das ferragens serem posteriores ao móvel

da Ligúria (Montenegro, 1955, p. 18). Em ambos casos, a dobradiça está aplicada numa tampa abaulada à qual se adapta a forma de ferragem.

2.5 Cantoneiras

As cantoneiras constituem um grupo relativamente pequeno, representado apenas por três peças em liga de cobre, com características muito distintas.

O exemplar de maior qualidade ostenta uma decoração vazada e, apesar do facto de não ter sido ainda restaurado nos impeça avaliar os detalhes da sua decoração, esta seria muito semelhante à dos espelhos de estilo “indo-português” apresentados anteriormente. Não obstante as limitações expostas, poderemos encontrar vários móveis deste estilo com decorações de metal dourado análogas, remetendo-nos para uma cronologia entre o século XVII e a primeira metade do século XVIII, posto que foi encontrada numa camada estratigráfica anterior ao terramoto. Várias destas peças, como contadores, escritórios ou ventos, conservam-se em distintos museus nacionais, dos quais se poderão destacar o Museu Nacional de Arte Antiga e o Museu Soares dos Reis. Os restantes materiais desta categoria parecem reportar para o âmbito das produções nacionais. O objecto catalogado com o n.º 185 foi elaborado em chapa metálica recortada e a terminação em flor-de-lis estilizada corresponde a uma forma recorrente nas chapas de reforço das arcas, encontrando vários paralelos semelhantes, nomeadamente uma arca do Museu de Lamego (Bastos, 1999, p. 40 e 41).

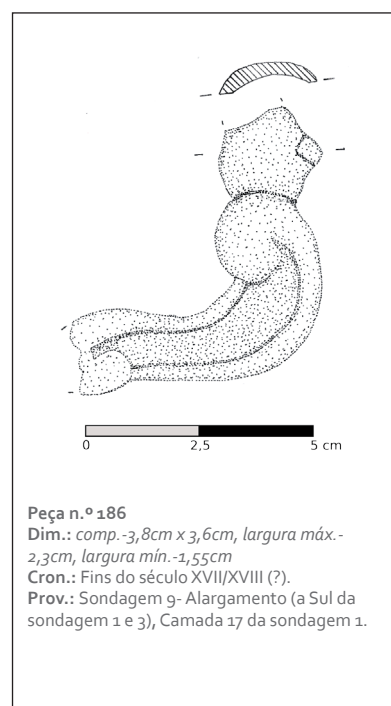
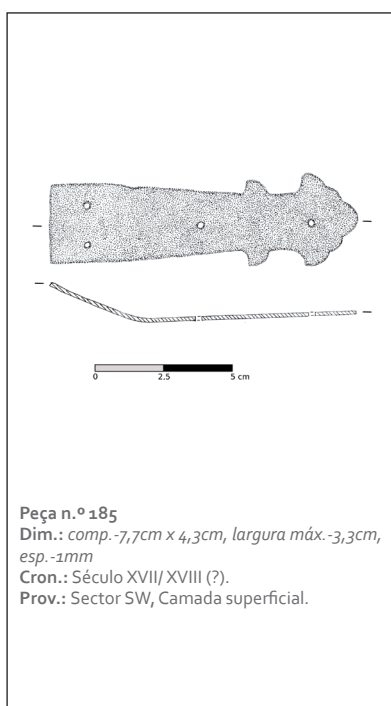
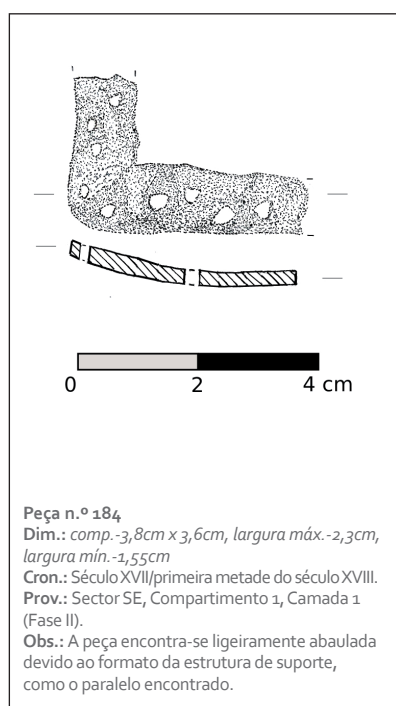
O exemplar 186 foi executado a molde e mostra um desenho bastante original, em forma de volutas, com uma decoração floral cujos detalhes se perderam pelo facto de estar fracturada. Não foi detectada qualquer cantoneira de formato semelhante mas o seu desenho grosseiro encontra paralelos nos trabalhos portugueses que adoptam elementos orientais, devendo ser relativamente tardia. O adorno floral é muito semelhante ao que remata o escudete n.º 158 e, ainda que a composição seja distinta, poderemos aproximar cronologicamente estas peças, facto atestado pela presença na mesma camada de exemplares datados do século XVIII.

2.6 Garras/Pés

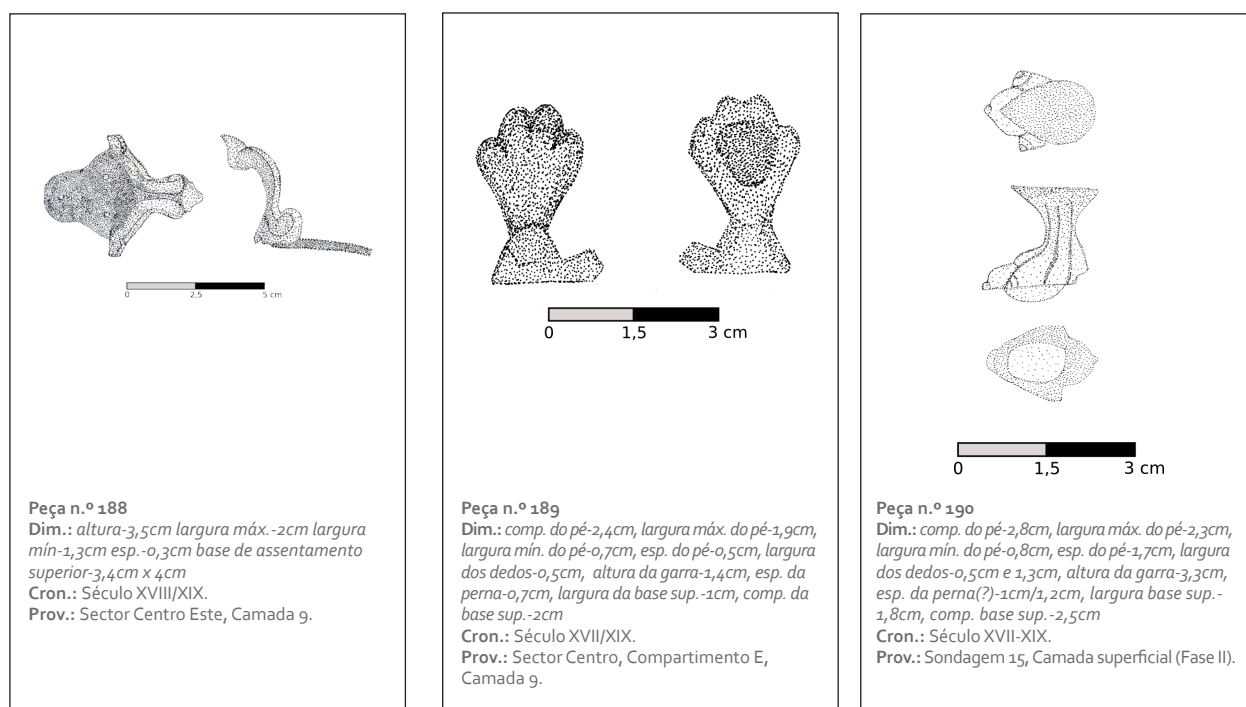
As garras são uma categoria que levanta algumas problemáticas, na medida em que constituem o suporte de peças sobre as quais se gerou muito pouca documentação e não foi possível encontrar paralelos exactamente iguais. No entanto, pelas dimensões e peso que apresentam, podemos colocar a hipótese de terem pertencido a relógios, salvas ou inclusive a estojos de faqueiros. Cabe porém destacar que a peça n.º 190 apresenta um polimento ao nível da espessura da base de assentamento e que, muito possivelmente, se destinaria a facilitar o encaixe¹⁸. A visualização do exemplar à lupa binocular permitiu ainda identificar vestígios muito

18. Ao contrário das restantes superfícies onde encontramos várias imperfeições, esta zona está muito bem limada.

QUADRO 5- Cantoneiras



QUADRO 6- Garra / pés



ténues de uma pintura de tom avermelhado, originalmente aplicada em toda a superfície.

A garra é um motivo que, embora conheça uma grande divulgação no século XVIII e mesmo XIX, tem antecedentes mais recuados e não poderemos, dada a incerteza estratigráfica, avançar com mais resultados acerca da sua cronologia.

2.7 Pináculos metálicos

Os pináculos metálicos foram empregues na decoração de armários, relógios de mesa, mas também no topo do encosto de cadeiras (um em cada ponta). Nos casos em que a sua classificação como pináculos é indubitável, a determinação do tipo de suporte é também clara, visto que adquirem formas e dimensões distintas nos diferentes casos. No entanto, é possível que alguns modelos pudessem ter sido usados simultaneamente como pináculo ou pé de pequenos móveis, como sucede com as peças n.ºs 196 e 197. No primeiro caso, detectamos a sua utilização no topo de papelarias e oratórios de produção inglesa e nacional¹⁹, mas em madeira, e como suporte de um relógio²⁰. No que concerne ao segundo exemplar reconhecemos paralelos com o pináculo de um relógio de pêndulo, datado de 1695 (Bracket, 1950, pl. XCII), mas também na base de um relógio de mesa, datado de 1660 (Bedel, 1989, pl. 102c), ambos de produção inglesa.

A peça n.º 195 apresenta as características formais de um pináculo, no entanto, é completamente maciça e não possui qualquer espigão para encaixe. Neste sentido, é possível que a sua fixação se realizasse mediante a incrustação da base na madeira mas não localizamos nenhuma peça semelhante.

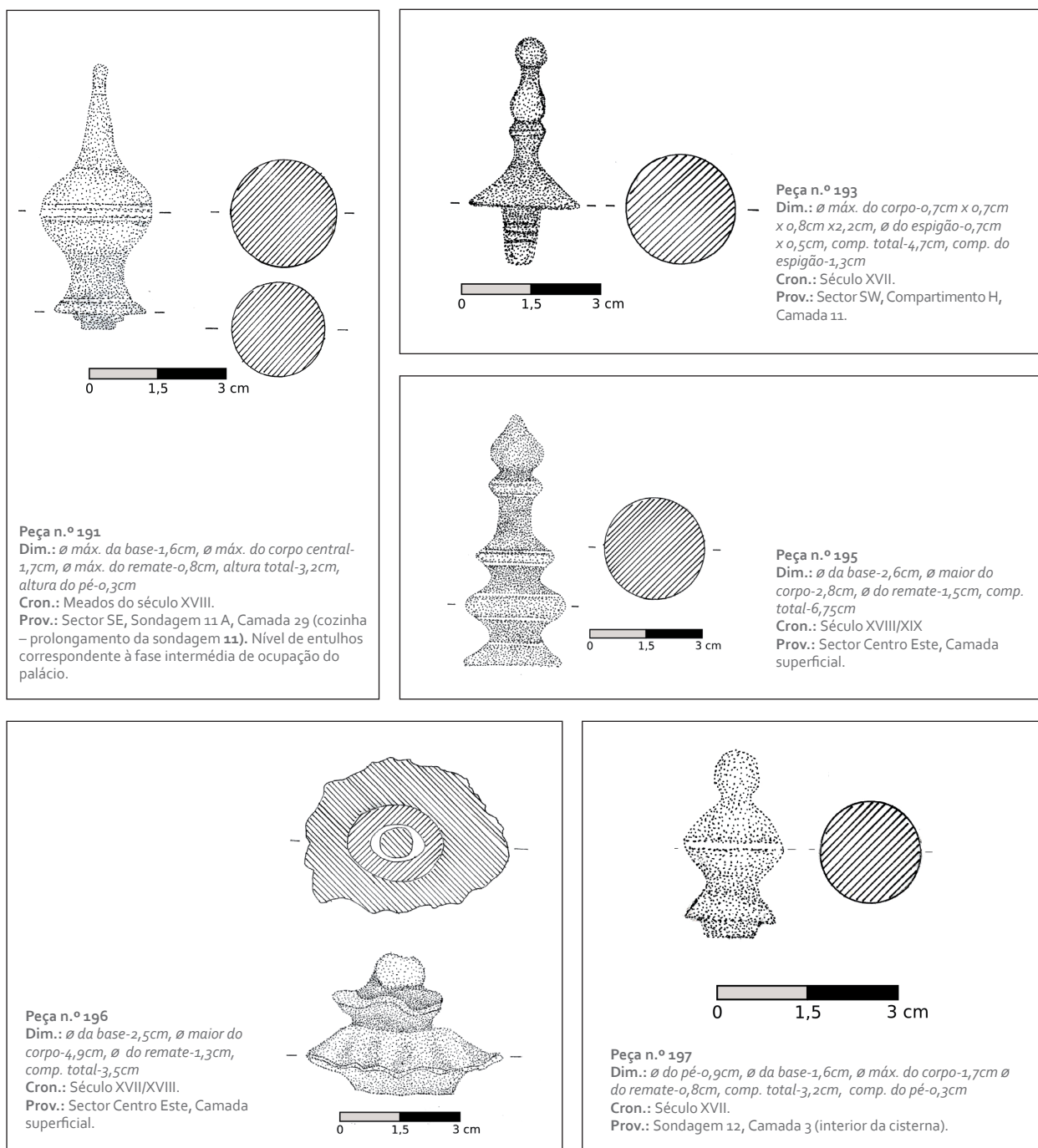
Ao contrário dos objectos referidos anteriormente, o n.º 193 pertenceu claramente a uma cadeira, correspondendo a um modelo frequentemente usado nas produções nacionais, durante o século XVII. Neste contexto, encontramos-lo em assentos de couro lavrado, podendo ou não ter braços, mas também estofados²¹ e que normalmente eram decorados com pregaria dourada de diferentes dimensões, completando assim o contraste de cores entre o metal brilhante e o castanho-escuro da madeira e/ou do couro.

No que concerne ao modelo do n.º 191 constatamos o seu uso numa cómoda acharoadada, do século XVIII (?) (Proença, 2002, inv. 671 e 785) e não obstante o exemplar desta colecção ter sido encontrado na cozinha do palácio, o facto de pertencer a um contexto de entulhos correspondentes à fase intermédia de ocupação do palácio não nos permite assegurar a sua localização original nesta zona da casa.

19. Em peças pertencentes à colecção da Fundação Ricardo Espírito Santo.
 20. Da Casa Museu Medeiros e Almeida, em Lisboa.

21. Cadeira de braços, de nogueira (do século XVII) do Palácio Nacional de Sintra; cadeira em castanho de produção nacional (finais do século XVII) (Guimarães, 1924, fig. 17 e 42), cadeira de nogueira torneada de produção nacional dos finais do século XVII (Freire, 2001, inv. 4, 519, 595), cadeira em pau-santo (segunda metade do século XVII) (Pinto, 1987, fig. 43) e cadeira do Museu dos Patudos da segunda metade do século XVII (Pereira, 2008, p. 217).

QUADRO 7 - Pináculos



2.8 Chave

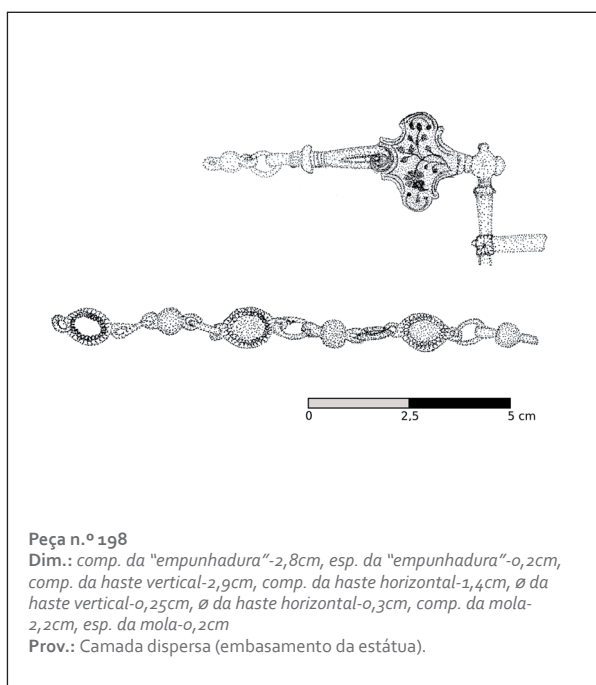
O único artefacto desta categoria é uma chave de relógio com dois “canhões” que se destinavam a acertar a máquina e a dar corda à mesma. Esta foi encontrada em associação com uma corrente e estaria presa mediante um sistema de mola. O mecanismo de abertura da mola seria activado mediante o desenroscar de uma pequena argola e o exercer de pressão sobre a peça, à semelhança de um alfinete de dama.

Frequentemente estas correias aparecem associadas a vários objectos relacionados com o relógio, formando uma espécie de dices de execução muito cuidada e que

poderiam ser transportados como parte de um adorno pessoal. A decoração das peças é bastante minuciosa e, embora alguns motivos não estejam perfeitamente centrados, o detalhe aproxima-a a um exemplar de joalharia. Este objecto foi exumado fora de contexto e não poderemos, a nível estratigráfico, fornecer uma cronologia segura. As chaves de relógio raramente aparecem expostas em museus²² nem figuram de catálogos mas identificamos uma decoração semelhante em chavões para bolos de uma colecção açoriana (Martins, 1981, p. 150 e 151).

22. Destaque-se a colecção de relógios da Casa Museu Medeiros e Almeida.

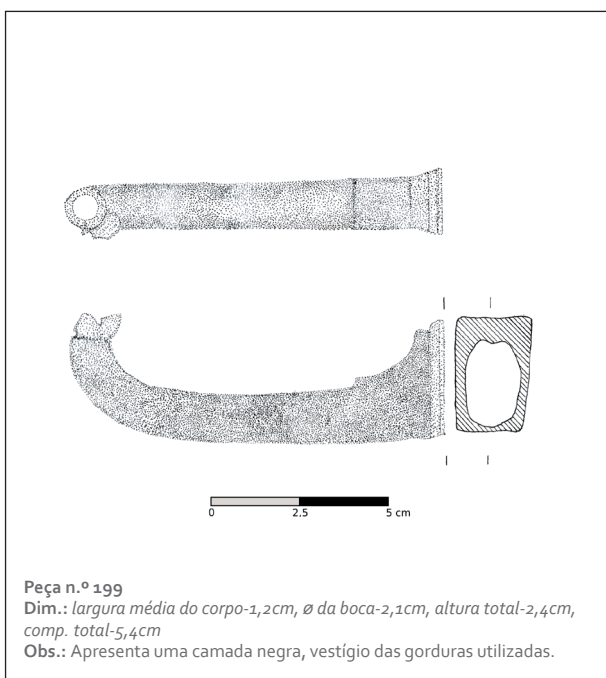
QUADRO 8 - Chave de relógio



2.9 Candeias

Os fragmentos de candeia correspondem, na sua totalidade, a um modelo que conheceu uma grande divulgação durante os séculos XVIII a XIX, tanto em Portugal como em Inglaterra (Dinastia, 2001, p. 71 e Lima, s.d., p. 189 e 194). Este está composto por um pé alto e torneado, com um ou vários bicos e pega superior, totalmente em metal, e é possível que alguns destes fragmentos tivessem pertencido unicamente a um objecto.

QUADRO 9 - Elementos de Candeia

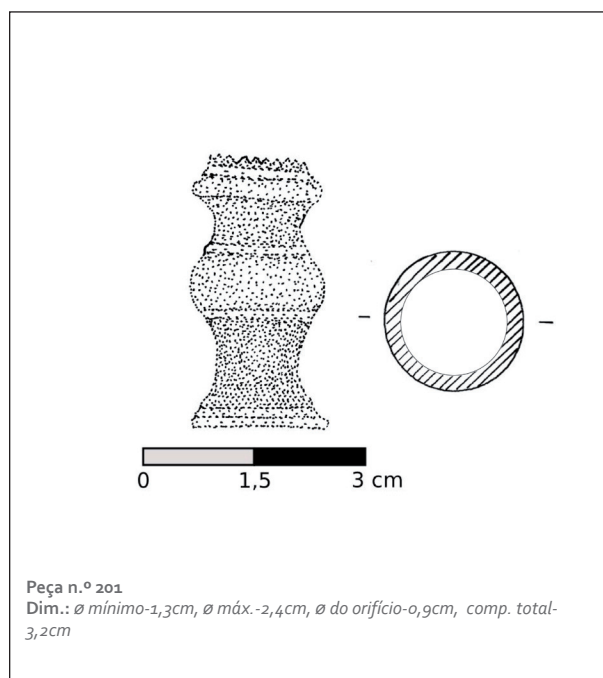


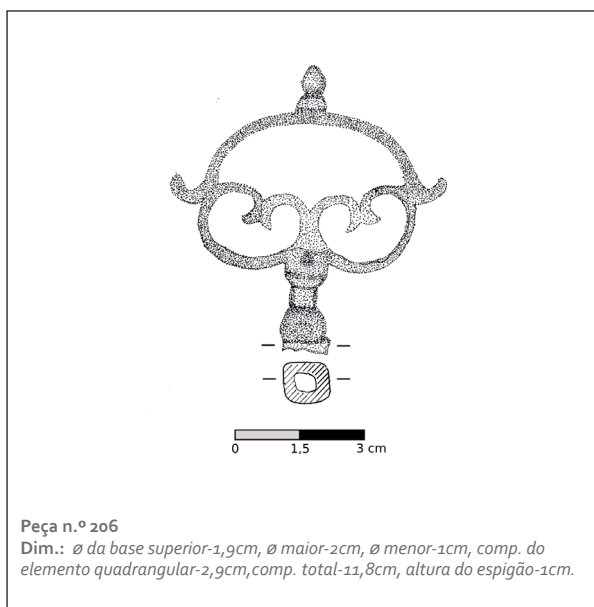
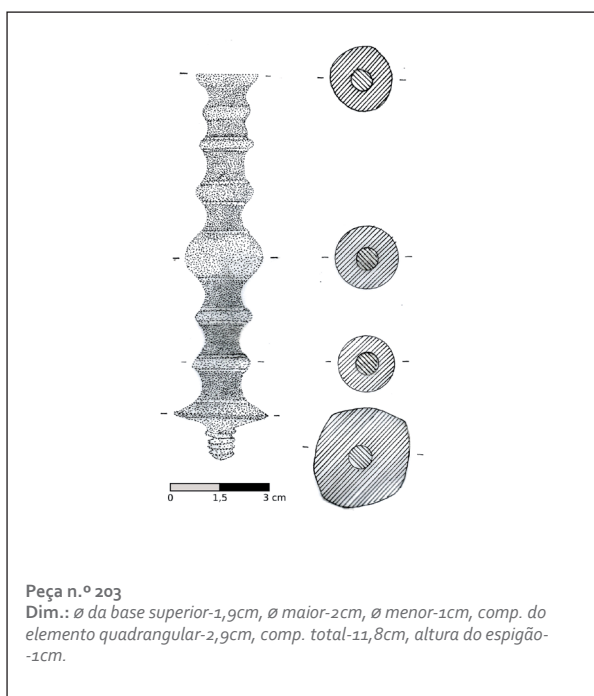
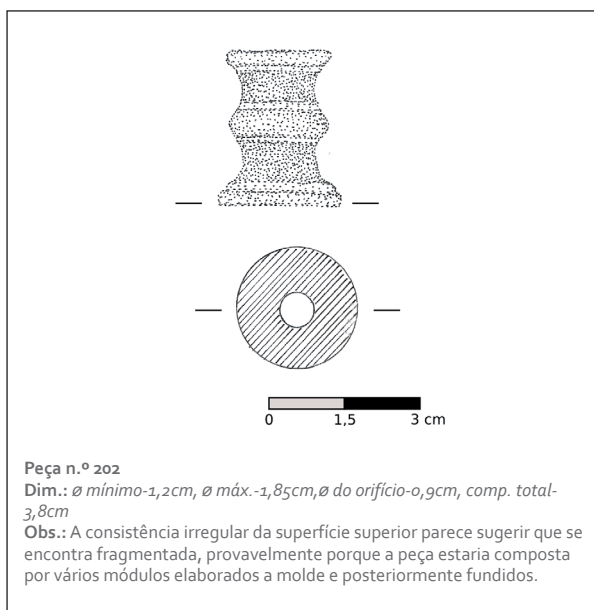
No que concerne às técnicas de produção, este tipo de candeia compõe-se de várias peças realizadas a molde, elaboradas individualmente, e que encaixam umas nas outras. O facto de terem uma estrutura vazada facilitaria o seu alinhamento e permitiria a passagem de um espigão que unia o pé ao corpo principal e à pega²³. No exemplar n.º 199, que corresponde a um bico, foi possível observar uma solução à base de cobre que se destinaria conferir-lhe uma tonalidade dourada, e que frequentemente se denomina de "ouro velho". Mais tarde, esta candeia foi sujeita a uma remodelação no sentido de a decorar, agora, em tons avermelhados. Tal sucede também nos exemplares de pé n.ºs 201 e 203, bem como na pega onde se preserva unicamente na zona exposta destes objectos. Após a aplicação da referida "pintura", a peça terá conhecido ainda um longo período de vida visto que, na zona da pega, apresenta um maior desgaste precisamente nas zonas de contacto com a mão.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colecção apresentada evidencia uma maior concentração de espólio pertencente à primeira fase de ocupação do palácio, caracterizado por peças de importação europeia e asiática, e uma forte influência dos mesmos nas produções nacionais. A família Marialva seria possuidora de uma grande variedade de móveis de considerável qualidade e dos quais se conserva apenas uma

23. A existência deste espigão conserva-se unicamente no exemplar n.º 203.





pequena parte, já que depois do terramoto se terá resgatado todo o espólio de maior valor. Tratando-se esta de uma pequena amostra do que não terá subsistido após o terramoto, somos obrigados a discordar com a ideia de que o mobiliário seria escasso nas casas nobres. Importa ainda mencionar os relatos de estrangeiros como William Beckford²⁴ que, se criticam a falta de beleza arquitectónica dos edifícios apalaçados da nobreza portuguesa, não deixam de apreciar a ostentação das festas, das quais foi palco também o palácio durante a sua ocupação pelos Marialva.

A partir do terramoto e com a ocupação deste espaço por famílias de fracos recursos ou por estabelecimentos comerciais, a qualidade das ferragens encontradas diminui substancialmente e, em alguns casos, registam-se tentativas de remodelação. Trata-se essencialmente de conferir uma tonalidade vermelha a peças originalmente douradas, facto que poderá estar associado a uma proliferação do gosto pelos móveis achinados, geralmente de cor vermelha. Os exemplares de maior qualidade, como os de estilo Sheraton que foram encontrados sobrepostos ou no interior de um recipiente metálico com a pregaria acessória, parecem-nos ter pertencido a um armazém de móveis que aí existia²⁵. No que concerne aos centros de produção, ainda que não possamos determinar a origem de muitos dos artefactos em estudo, as suas características formais surgem-nos como manifestações estéticas de origem externo, o que nos revela uma influência desses centros no mobiliário português. A presença de elementos decorativos de importação terão contribuído para a difusão de produções nacionais ditas de imitação mas também o desenvolvimento de um estilo nacional, cuja concepção acaba por estar ao mesmo tempo favorecida e condicionada por essa mesma oferta.

24. De quase um século depois destes acontecimentos, chega-nos a notícia fornecida por um coleccionador íntimo da família Marialva e que terá ouvido o 5º marquês falar nas riquezas que outrora haviam preenchido o interior do palácio, fazendo referência às "ricas jóias e curiosas pratas (...) muitas e importantíssimas pinturas de Rubens e dos primitivos (...) tapeçarias e tapetes persas de dezoito e vinte e dois metros de comprimento" (Beckford, 1983, p. 163).

25. Está devidamente documentada a presença de um armazém de móveis de José Aniceto Rapozo (Diniz, 2008).

BIBLIOGRAFIA

- BECKFORD, W. (1983) – *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha, Carta de 3 de Novembro de 1787*. 2.ª ed., Lisboa: B.N. p. 163.
- BEDEL, J. (1990) – *Encyclopedie des Antiquités & Brocante*. Paris: Larousse.
- BRACKETT, O. (1950) – *English Furniture Illustrated – A Pictorial Review of English Furniture from Chaucer to Queen Victoria*. Londres: Ernest Benn Limited.
- BOCCADOR, J. (1988) – *Le Mobilier Français du Moyen Age a la Renaissance*. S.l.: édition d'Art Monelle Hayot.
- CARITA, H. (s.d) – *Oriente e Ocidente nos interiores em Portugal*. Porto: Livraria Civilização.
- COELHO, A. (2010) – *A papelaria miniatura chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio*.
- Gonçalves e o comércio de arte do século XVIII. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- D'ALLEMAGNE, H. (1968) – *Decorative Antique Ironwork – A Pictorial Treasury*, Nova York: Dover publications.
- DINASTIA (2001) – *Catálogo de Pintura Portuguesa, Moderna e Contemporânea, Mobiliário português, Inglês, Francês e Holandês, de diversas épocas e estilos, do século XVIII, XIX e XX*. Lisboa: Ed. Antiguidade. p. 71 e 81.
- DINIZ, M. (2008) – José Aniceto Raposo (1756-1824): uma personalidade singular – marceneiro e inventor. In *Mobiliário Português. Actas do 1.º Colóquio de Artes Decorativas*. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo. p. 85-100.
- FERNANDES, L. e MARQUES, A. (2003) – Praça Luís de Camões (Lisboa): Metodologia e primeiros resultados de uma intervenção urbana. In *Actas do IV Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Câmara Municipal. p. 31-43.
- FREIRE, F. (2001) – *Mobiliário*, vol. I. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo.
- GONÇALVES, A. (1953) – *Inventário Artístico de Portugal*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.
- GUIMARÃES, A. (1948) – *Mobiliário do Paço Ducal de Vila Viçosa*. Lisboa: Ed. Sá da Costa.
- GUIMARÃES, J. (1875) – Memórias dos Casebres do Loreto. In *Sumario de Varia História*, Vol.5. Lisboa: Rolland & Semiond.
- GUIMARÃES, A. e SARDOEIRA, A. (1924) – *Mobiliário Artístico Português*, vol. I e II. Lamego: ed. Marques Abreu.
- LIMA, F. (s.d) – *A arte Popular em Portugal*, vol. I, Lisboa: Verbo.
- MACEDO, E. (1966) – *El Arte Luso Brasileño en el Rio de la Plata*. Buenos Aires: Museo Nacional de Arte Decorativo.
- MARTINS, F. (1981) – *Mobiliário Açoriano – Elementos para o seu Estudo*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- MONCADA, C. de (2008) – Móvel Lusíada – uma sistematização. In *Mobiliário Português. Actas do 1.º colóquio de artes decorativas*. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo Silva. p. 153-164.
- MONTENEGRO, R. (1995) – *Guia da História do Mobiliário – Estilos de Mobiliário do renascimento aos anos 50*. Lisboa: Presença.
- NUTTING, W. (1954) – *Furniture Treasury (Mostly of American Origins) All Period of American furniture with some foreign examples in America also American hardware and household utensil*. Nova York: The Macmillan Company.
- PEREIRA, F. (2000) – *O Couro Lavrado no Mobiliário em Portugal*. Porto: Lello.
- PINTO, M. (1987) – *Os Móveis e o seu Tempo. Mobiliário Português do Museu Nacional de Arte Antiga Séculos XV-XIX*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- PINTO, M. (1992) – *De Goa a Lisboa*. Coimbra: Instituto Português de Museus.
- PROENÇA, J. (2002) – *Mobiliário da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa: Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves.
- PROENÇA, J. (2008) – A coleção de mobiliário do Museu Condes de Castro Guimarães: ecletismos e revivalismos. In *Mobiliário Português. Actas do 1.º Colóquio de Artes Decorativas*. Lisboa: Fundação Ricardo Espírito Santo. p. 115-126.
- RUBIRA, J. (1948) – *Muebles de Estilo Inglés*, Buenos Aires: Ed. G. Gil.
- SANDÃO, A. De (1999) – *O Móvel Pintado em Portugal*. Barcelos: Livraria Civilização.
- SEQUEIRA, M. (1934) – *Depois do Terramoto – Subsídios para a história dos bairros ocidentais de Lisboa*, vol. IV. Lisboa: Academia das Ciências.
- WHITE, C. (1999) – *Dutch, Flemish and German Painting Before 1900*. Oxford: University Press. p. 187.

FONTES DE ARQUIVO

- AGN (Archivo General de la Nación), *Archivo Historico de Hacienda*, vol. 992, Exp. 1. 16 de Agosto de 1726.
- AHPS (Archivo Historico Provincial de Sevilla), 696 Manuel Martínez Briceño, 1724, ofício 1: livro 1, f. 692.
- AGL (Archivo General de Lima), Protocolos Notariales, 586 Lumbreras, 1793, f. 128v.
- ANTT (Arquivo Nacional da Torre do Tombo), Real Fábrica das Sedas e Fábricas Anexas, Lº 438.